



Coordenadoria
do Curso de Letras
Língua Inglesa e suas Literaturas



Universidade Federal
de São João del-Rei

KARINA ALMEIDA MOURA

**PERCURSOS IDENTITÁRIOS: RELAÇÃO
MÃE E FILHA NOS ROMANCES *LUCY* E
*BREATH, EYES, MEMORY***

Julho de 2022

KARINA ALMEIDA MOURA

**PERCURSOS IDENTITÁRIOS: RELAÇÃO
MÃE E FILHA NOS ROMANCES *LUCY E
BREATH, EYES, MEMORY***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Letras – Língua Inglesa
e suas Literaturas, da Universidade Federal de São
João del-Rei, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Letras – Língua Inglesa e suas
Literaturas.

Orientadora: Juliana Borges Oliveira de Moraes

**São João del-Rei
Julho de 2022**

Ao meu pai, Paulo (*in memoriam*), que sempre me apoiou e nunca desistiu de mim. Para sempre sendo a força que me faz persistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais por terem cuidado de mim e do meu futuro, e por não terem medido esforços para me ajudar a chegar nesse momento da minha vida.

À minha mãe, Sônia, por me ensinar a ser forte e não desistir dos meus sonhos.

À minha irmã, Kássia, por ser minha melhor amiga e sempre me incentivar.

Ao meu namorado, Willian, pelo acolhimento em todos os momentos.

À minha orientadora, Juliana, que tornou este projeto possível, por ter me orientado para além do texto escrito.

Aos amigos Jalmir Ribeiro, Rhanna Karen e Ana Flávia Pedrosa pelo companheirismo em toda minha graduação.

Em especial, à Universidade Federal de São João del-Rei e ao corpo docente do curso Letras – Língua Inglesa e suas Literaturas por proporcionarem um ensino rico, reflexivo e tão abrangente.

RESUMO

Os romances *Lucy* (1990), de Jamaica Kincaid, e *Breath, Eyes, Memory* (1994), de Edwidge Danticat, têm como personagens principais Lucy e Sophie, respectivamente. Além de serem sujeitos diaspóricos, especificamente da diáspora caribenha, elas também possuem em comum estabelecerem relações significativas com suas mães. Este trabalho propõe-se a analisar como os relacionamentos das protagonistas com suas mães influenciam e interferem em seus percursos identitários enquanto sujeitos, mulheres, na diáspora. Em uma abordagem comparatista, observa-se que essas relações entre mães e filhas influenciam Lucy e Sophie, especialmente via memória. As memórias das protagonistas referentes às suas mães interferem em como elas interagem com o meio em que se encontram e também em como percebem suas terras natais. Ademais, a relação mãe e filha, nas obras em tela, interfere no modo pelo qual as personagens principais observam a si mesmas.

Palavras-chave: diáspora; identidade; mãe; filha; memória.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. CONCEITOS TEÓRICOS	11
3. RELACIONAMENTO ENTRE MÃES E FILHAS NOS ROMANCES <i>LUCY</i> E <i>BREATH, EYES, MEMORY</i>	16
3.1 MÃES E FILHAS: VÍNCULOS SENTIMENTAIS	16
3.2 MÃES E FILHAS: MIGRAÇÃO E VÍNCULOS DE (DES)IDENTIFICAÇÃO	19
4. IMPLICAÇÕES PARA AS FILHAS (PRESENTES E FUTURAS)	25
5. CONCLUSÕES	28
6. REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho situa-se na análise literária de dois romances contemporâneos, escritos por mulheres de origem caribenha, cujas narrativas enfocam personagens mulheres, também caribenhas, e suas experiências na diáspora. As obras em estudo são *Lucy* (1990), de Jamaica Kincaid, e *Breath, Eyes, Memory* (1994), de Edwidge Danticat.

Tratando-se das obras em análise, *Lucy*, escrito por Jamaica Kincaid, aborda a história da personagem principal Lucy e sua experiência na diáspora. A personagem migra do Caribe para a América do Norte aos dezoito anos de idade, em busca de melhores condições financeiras. Lucy é a única filha mulher de Annie, entre quatro irmãos homens. O nome de seu pai não é citado na narrativa. Na América do Norte, a protagonista trabalha como *au pair* na casa de Mariah e Lewis, pais de quatro filhas – Louisa, May, Jane e Miriam. A narrativa se inicia com Lucy, narradora protagonista, relatando suas memórias, começando de seu primeiro dia na América do Norte. Lucy relata experiências vividas na América do Norte, fazendo conexões dessas com lembranças outras mais antigas, antes da migração. Os relatos desencadeiam memórias em Lucy sobre sua mãe, Annie, as quais têm implicações em seu presente.

Quanto à autora, Jamaica Kincaid nasce em São João, capital de Antígua e Barbuda, em 1949, e é radicada nos Estados Unidos. Kincaid é autora de ensaios, histórias e romances que retratam relações familiares e a cultura de seu país natal. Atualmente, vive com sua família em Vermont, Estados Unidos. Algumas obras de Kincaid como *Annie John* (1984) e *Lucy* (1990) são apontadas por possuírem traços autobiográficos. Comparando-se a história de Kincaid com *Lucy*, alguns pontos coincidem, como a migração para a América do Norte e a atuação como *au pair*. Contudo, *Lucy* é uma obra ficcional e será abordada neste trabalho como tal. Os trabalhos de Kincaid incluem também *At the Bottom of the River* (1983), *The Autobiography of My Mother* (1996), *My Brother* (1997), *My Garden* (1999), *See Now Then* (2013), entre outros. Duas obras da autora estão publicadas em português, intituladas *Lucy* (1994), tradução de Lia Wyler, pela editora Objetiva, e *A autobiografia da minha mãe* (2020), tradução de Débora Landsberg, publicada pela editora Alfaguara.

Já o segundo romance do *corpus* da presente pesquisa, intitulado *Breath, Eyes, Memory*, de Edwidge Danticat, enfoca a história de Sophie, personagem principal e narradora do romance, e sua experiência na diáspora. Assim como Lucy, a personagem migra do Caribe, especificamente do Haiti, para os Estados Unidos. Aos doze anos de idade, Sophie vai morar

com sua mãe, Martine, que reside nos Estados Unidos, posteriormente ao nascimento da filha. Ainda no Haiti, Sophie vive aos cuidados de sua tia, Atie, e também de sua avó, Ifé. A narrativa tem início com Sophie relatando acontecimentos após um dia na escola, ainda criança, e continua até a idade adulta da personagem. Nos relatos da protagonista, há um destaque para o seu relacionamento com sua mãe, visto que o mesmo predomina na obra a partir da mudança de Sophie para os Estados Unidos.

No que diz respeito à autora, Edwidge Danticat nasce em Porto Príncipe, capital e maior cidade do Haiti, em 1969 e, assim como Kincaid, é radicada nos Estados Unidos. *Breath, Eyes, Memory* (1994) é o primeiro romance dela, escrito, inicialmente, como um conto. A história da personagem principal é similar à de Danticat, como, por exemplo: ambas nascem em Porto Príncipe, vivem no Haiti aos cuidados de familiares e migram para os Estados Unidos com doze anos de idade, para viver com a mãe/os pais. Todavia, no presente trabalho o romance é analisado por sua qualidade ficcional. Outras obras da autora são *Krik? Krak!* (1996), *The Dew Breaker* (2004), *Brother, I'm Dying* (2007), *Claire of the Sea Light* (2013), entre outras. As obras de Danticat em português incluem *Adeus, Haiti* (2010), tradução de Geraldo Ferraz e publicação da editora Agir, e *Clara da Luz do Mar* (2021), tradução de Ana Ban e publicação da Tag Livros.

O interesse pela pesquisa de obras da diáspora caribenha se deu a partir de meu trabalho realizado durante a Iniciação Científica, sob a orientação da Profa. Dra. Juliana Borges Oliveira de Moraes, onde observamos o espaço da memória, sobretudo memórias traumáticas, nos romances *Breath, Eyes, Memory* (1994) e *The Scorpion's Claw*, de Myriam Chancy (2005). Na ocasião, percebi como a memória é fator fundamental na formação identitária das personagens, em representações da diáspora, o que me instigou a trabalhar mais o assunto.

Com o auxílio de estudos sobre a diáspora, identidade, memória e espaço, é objetivo do presente trabalho mapear um aspecto primordial que influencia os percursos identitários das protagonistas dos romances, que vivem em contextos de diáspora: o relacionamento entre mães e filhas. As personagens que enfoco são: Lucy e Annie, de *Lucy* (1990); e Sophie e Martine, de *Breath, Eyes, Memory* (1994). Observa-se que o relacionamento entre essas personagens, mães e filhas, é fator fundamental para a formação identitária de Lucy e Sophie, em virtude de vínculos que se mantêm vívidos via memória das filhas. Além de influenciar o modo como as protagonistas percebem a si mesmas, a relação mãe e filha interfere na forma como elas interagem com o meio em que se encontram, no presente, e também em como percebem suas terras natais.

Primeiramente, a análise dos romances tem base em estudos da diáspora, uma vez que as obras trabalham narrativas no contexto caribenho, região diretamente ligada à diáspora africana. A ligação entre Caribe e diáspora africana é teorizada por Paul Gilroy, em sua obra *O Atlântico Negro*, ao tratar de movimentações entre “Europa, América, África e Caribe” (GILROY, 2001, p. 38), referidas à história do povo negro e da escravidão.

Em relação ao conceito de diáspora, Willian Safran (1991) explica que esse trânsito, por um tempo, “teve um significado muito específico: o exílio dos judeus de sua pátria histórica e sua dispersão por muitas terras, significando também a opressão e degradação moral que essa dispersão implicava”¹ (SAFRAN, 1991, p. 83). Safran, contudo, aponta que o termo é utilizado para caracterizar também outras situações, dentre elas a de “negros na América do Norte e no Caribe”² (*ibidem*, p. 83), a qual é ligada à escravidão. Dessa forma, podemos compreender a situação das personagens aqui em análise como em contextos de diáspora e rediasporização africanas.

Enquanto migrantes diaspóricos, as personagens principais vivenciam trajetórias físicas e geográficas que interferem diretamente em suas formações identitárias. O sujeito diaspórico convive com a influência de inúmeros aspectos tanto da sua terra natal quanto da terra hospedeira, dado que cada lugar possui diferentes práticas culturais, econômicas e políticas. A migração de Sophie, em *Breath, Eyes, Memory*, por exemplo, não é algo planejado por ela, sendo uma mudança drástica em sua vida. Já Lucy, no romance homônimo, mesmo tendo planejado sua migração, passa a conviver com uma realidade no novo país diferente do que havia imaginado. Ela se decepciona com a ordinariade da nova terra, a qual fantasiou sobre por muito tempo.

Pensando sobre a questão identitária dos sujeitos diaspóricos, Marie-Aude Baronian, Stephan Besser e Yolande Jansen (2006) teorizam que “identidades diaspóricas podem ser compreendidas como caracterizadas por um triplo sentido de pertencimento: aos outros membros de uma comunidade local diaspórica distinta; a grupos diaspóricos em outras localidades ao redor do mundo; e, finalmente, ao ponto de origem, a pátria real ou imaginada que une esses grupos”³ (*ibidem*, p. 11). O que constituiria esses pertencimentos são as memórias

¹ “the Diaspora had a very specific meaning: the exile of the Jews from their historic homeland and their dispersion throughout many lands, signifying as well the oppression and moral degradation implied by that dispersion. But a unique phenomenon is not very useful for social scientists attempting to make generalizations” (SAFRAN, 1991, p. 83). Todas as traduções presentes neste trabalho foram feitas pela autora deste artigo.

² “blacks in North America and the Caribbean” (*ibidem*, p. 83).

³ “diasporic identities can be seen to be characterized by a triple sense of belonging: to the other members of a distinctive local diasporic community; to diasporic groups in other locations around the world; and, finally, to the point of origin, the actual or imagined homeland that binds these groups together” (BARONIAN; BESSER;

do sujeito diaspórico, por meio das quais, independentemente do local físico em que esteja, ele relembra sua comunidade e seu ponto de partida, além de criar novas memórias no novo local em que vive. Será focado nos romances em análise o vínculo das protagonistas com seus pontos de origem, a partir de seus relacionamentos com suas mães, sendo observado como tal vínculo influencia a relação mãe-filha e vice-versa.

A partir da ideia de deslocamento e movimentação física, a geógrafa Doreen Massey conceitua o termo “espaço” como algo que está “sempre em construção” (MASSEY, 2009, p. 29). Assim, o espaço “jamais está acabado, nunca está fechado” (*ibidem*, p. 29), o que possibilita revisitações e reconstruções. A abordagem do presente trabalho se baseia na conceituação de espaço feita por Massey, pensando no espaço que as personagens ocupam enquanto sujeitos, mulheres, na diáspora.

É notável o protagonismo do relacionamento entre mães e filhas no decorrer das narrativas em questão⁴. Como aponta a socióloga Patricia Hill Collins, pesquisadora sobre o feminismo negro, assunto que engloba a realidade das personagens aqui em análise, “a relação mãe/filha é uma relação fundamental entre mulheres negras. [...] Filhas negras identificam a profunda influência que suas mães teem em suas vidas⁵ (COLLINS, 2000, p. 102). Para exemplificar, aponto dois trechos, um de cada obra, nos quais as filhas expõem uma forte ligação com suas mães. No romance de Kincaid, Lucy admite: “minha mãe me conhecia bem, tanto quanto ela conhecia a si mesma: eu, na época, até achava que éramos idênticas”⁶ (KINCAID, 1990, p. 80). Já no de Danticat, Sophie expõe: “Agora éramos [Sophie e Martine] ainda mais do que amigas. Éramos gêmeas, em espírito”⁷ (DANTICAT, 1994, p. 200). Os vínculos de Lucy e Sophie com suas mães são peça central ao longo das narrativas, observando-se que interferem no modo de pensar e agir das protagonistas e também em suas formações identitárias.

Em se tratando de personagens mulheres, o gênero é uma questão importante a ser considerada na discussão proposta. Nota-se, por exemplo, que há uma interferência direta das

JANSEN, 2006, p. 11).

⁴ Ressaltamos que nosso enfoque, no presente trabalho, são as relações maternas biológicas devido ao nosso recorte metodológico e teórico. Contudo, as relações mãe e filha não-biológicas estão presentes nos romances e têm um papel nos percursos identitários das protagonistas. A título de exemplo, observam-se, em *Lucy*, as relações entre Lucy e Mariah, e, em *Breath, Eyes, Memory*, entre Sophie e sua tia, Atie. Pretendemos aprofundar nosso estudos, aumentando nosso escopo, nesse sentido, em possíveis pesquisas posteriores.

⁵ “The mother/daughter relationship is one fundamental relationship among Black women. [...] Black daughters identify the profound influence that their mothers have had upon their lives” (COLLINS, 2000, p. 102).

⁶ “my mother knew me well, as well as she knew herself: I, at the time, even thought of us as identical” (KINCAID, 1990, p. 80).

⁷ “we were now even more than friends. We were twins, in spirit” (DANTICAT, 1994, p. 200).

mães em relação às suas filhas no que se refere a (supostos) papéis de gênero, em decorrência de tradições e crenças culturais. Em *Lucy*, a protagonista afirma ter recebido uma educação de sua mãe “dedicada a prevenir que [ela] se tornasse uma vagabunda”⁸ (KINCAID, 1990, p. 78), ou seja, a mesma deveria aprender a se comportar de certa maneira para ser considerada uma mulher íntegra. Em *Breath, Eyes, Memory*, por sua vez, o papel das mães, na família representada, era fazer o possível para manter a virgindade das filhas, “para preservar a honra de suas famílias”⁹ (DANTICAT, 1994, p. 208) visando um futuro casamento, já que atos considerados “impuros” poderiam degradar a imagem da família. Em ambas as falas denota-se a crença de que a mulher deve ser pura, inocente e íntegra, sendo que fazer sexo fora do casamento seria uma infração a tal padrão de comportamento. Assim, a integridade moral da mulher se mostra ligada à integridade física. Nas narrativas em análise, observa-se que seria função da família, sobretudo da mãe, ensinar a filha a se comportar conforme o que se espera de uma mulher naquele contexto.

Tendo em tela o protagonismo das relações entre mães e filhas nos romances abordados, a presente análise, portanto, tem como objetivo, em uma abordagem comparatista, avaliar as obras de forma a entender como essas relações se configuram e influenciam as trajetórias identitárias das personagens Lucy e Sophie. Serão também observados quais são os vínculos mantidos entre as protagonistas com suas mães que se mostram relevantes em suas narrativas, levando a tais influências no âmbito identitário.

No tocante à temática da presente monografia, os trabalhos internacionais “*Inherited Reproduction of Violence and Trauma in 1990’s Literary Immigrant Families: An Exploration of Lucy; Breath, Eyes, Memory; and Drown*”, de Kelsey Vita (2020), compara os dois romances analisados no presente trabalho, porém Vita coloca em evidência unicamente a temática de trauma familiar. Já o trabalho de Nancy Gerber (2000), “*Binding the Narrative Thread: Storytelling and the Mother-Daughter Relationship in Edwidge Danticat’s Breath, Eyes, Memory*”, analisa a relação mãe-filha no romance de Danticat, exclusivamente. Contudo, diferencia-se do presente trabalho por não salientar as negociações identitárias da protagonista.

No cenário acadêmico brasileiro, há trabalhos que abordam a(s) obra(s) do presente corpus, enfocando diferentes temáticas, como a dissertação “*Living on the hyphen: diaspora, identity and memory in Jamaica Kincaid’s Annie John/Lucy and Esmeralda Santiago’s When I was Puerto Rican/Almost a woman*”, de Jorge Luiz Peçanha (2012), a qual aborda *Lucy*. Ele

⁸ “I reminded her that my whole upbringing had been devoted to preventing me from becoming a slut” (KINCAID, 1990, p. 78).

⁹ “To preserve their honor” (DANTICAT, 1994, p. 208).

aborda, no romance *Lucy*, o “desenvolvimento de identidades de sujeitos diaspóricos em formas narrativas” (PEÇANHA, 2012, p. 7), enfocando o papel da memória nesse processo. Destaca-se a tese da orientadora dessa pesquisa, Juliana Borges Oliveira de Moraes, intitulada “*Políticas do Espaço: Trajetórias Identitárias em Geographies of Home; Breath, Eyes, Memory e The Agüero Sisters*”, que trata de trajetórias identitárias nos romances de Loida Maritza Pérez, Edwidge Danticat e Cristina Garcia, respectivamente. A tese analisa um romance do *corpus* da presente monografia e não tem como foco principal a relação entre mães e filhas.

Esta monografia se destaca pela atualidade de seu tema, visto que as produções contemporâneas sobre a diáspora são cada vez mais presentes no mercado editorial, justamente pela importância das migrações, também no cenário atual. Ademais, ela se torna relevante por trazer uma perspectiva comparatista dos romances em tela quanto à temática escolhida para ser analisada, principalmente tendo-se em mente o cenário acadêmico brasileiro.

2. CONCEITOS TEÓRICOS

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica e, para a análise proposta, é importante discutirmos os principais conceitos teóricos que a fundamentam: diáspora, espaço, identidade e memória.

Iniciando pelo conceito de diáspora, Avtar Brah (2005), socióloga e especialista em estudos da diáspora em concatenação com gênero, aponta que as migrações de povos criam novos deslocamentos, novas diásporas. Pensando que o “conceito de diáspora oferece uma crítica a discursos de origem fixa”¹⁰ (*ibidem*, p. 177), as narrativas das personagens dos romances em análise, pertencentes ao contexto de diáspora caribenha, também oferecem críticas a quaisquer discursos de origem fixa. Observando-se que há uma complexidade nas relações de Lucy e Sophie com sua terra natal, o Caribe, e com os países hospedeiros. As narrativas das protagonistas apontam que seus vínculos com a terra natal sobrevivem independentemente do lugar em que estejam, atravessando a ideia de fronteiras, questão abordada por Benedict Anderson (2008) ao tratar de comunidades imaginadas, as quais pertencem a uma nação para além das fronteiras físicas.

O sociólogo e referência na área de estudos culturais, Paul Gilroy, teoriza sobre a historicidade do termo “diáspora”, o qual foi “empregado na *Bíblia*”¹¹ (GILROY, 2001, p. 382,

¹⁰ “the concept of diaspora offers a critique of discourses of fixed origins” (BRAH, 2005, p. 177).

¹¹ “Deuteronômio 28: 25” (GILROY, 2001, p. 382).

grifo do autor). O termo adquire seu emprego contemporâneo mais livre durante o final do século XIX (*ibidem*, p. 382). Gilroy explica que junto de conceitos-chave como “híbrido, fronteira, crioulização, *mestiçagem* e até localidade”¹² (GILROY, 1994, p. 207, grifo do autor), sendo aqui destacado o conceito de fronteira, diáspora faz parte de “um vocabulário que registra a potência constitutiva de espaço, espacialidade, distância, viagem e itinerância nas ciências humanas que tinham como premissa o tempo, a temporalidade, a fixidez, o enraizamento e o sedentário”¹³ (*ibidem*, p. 207). Portanto, para Gilroy o termo em foco contesta as ideias de fixidade, de limitações e de singularidade, intensificando a reflexão sobre a multiplicidade acerca das existências daqueles em contexto de diáspora, como é o caso das protagonistas das obras postas em foco.

Assim como Gilroy, Aimée G. Bolaños explica que o conceito de diáspora, nos tempos atuais, vive uma expansão “que responde a uma diversificada existência e produção diaspóricas, também a sua consciência reflexiva” (BOLAÑOS, 2010, p. 168). Nas palavras da autora, em consequência dessas mudanças, “intensifica-se a análise das práticas culturais dos generalizados movimentos migratórios desta época, abre-se o conceito a entendimentos matizados, complexos, até contraditórios, tornando-se diáspora grande tema em debate da cultura contemporânea” (*ibidem*, p. 168). Por conseguinte, os estudos relacionados ao tema diáspora colaboram no entendimento das práticas culturais contemporâneas, como é o caso da presente análise.

Focalizando a diáspora africana, intrinsecamente ligada à escravidão, Gilroy (2002) afirma que terrores humanos como escravidão, genocídio, ataques físicos contra um grupo específico, entre outros, “têm figurado na constituição das diásporas e na reprodução de uma consciência da diáspora, nos quais a identidade se concentra menos no território comum e mais na memória, ou, mais precisamente, na dinâmica social de rememoração e comemoração”¹⁴ (GILROY, 1994, p. 207). Dessa forma, Gilroy aponta a forte ligação dos sujeitos pertencentes à diáspora com memória e lembrança, o que é exemplificado pelas narrativas em análise no presente trabalho, visto que as protagonistas trabalham suas memórias ao longo dos romances.

Tendo sido discutido o conceito de diáspora, faz-se necessário abordar memória, visto que se pretende mostrar como a memória é fundamental para os percursos identitários das

¹² “hybrid, border, creolization, *mestizaje* and even locality” (GILROY, 1994, p. 207).

¹³ “a vocabulary that registers the constitutive potency of space, spatiality, distance, travel and itinerancy in human sciences that had been premised upon time, temporality, fixity, rootedness and the sedentary” (*ibidem*, p. 207).

¹⁴ “have all figured in the constitution of diasporas and the reproduction of diaspora-consciousness, in which identity is focused less on common territory and more on memory, or, more accurately, on the social dynamics of remembrance and commemoration” (GILROY, 1994, p. 207).

personagens em análise. Dito isso, o teórico sobre cultura, Jan Assmann afirma que a estrutura conectiva entre memória, identidade e continuidade cultural “liga o ontem ao hoje, dando forma e presença a experiências e memórias influentes, incorporando imagens e contos de outra época ao pano de fundo do presente em movimento”¹⁵ (ASSMANN, 2011, p. 2). Nas obras em análise, a memória mantém vívidos os vínculos das protagonistas com suas mães e com suas terras natais, independentemente do lugar onde estão, questão ligada à fala anterior de Gilroy (1994, p. 207).

A partir da ideia de que a memória tem papel significativo no presente de um sujeito, pode-se dizer que a mesma tem influência nos percursos identitários do indivíduo, principalmente quando ele faz parte de uma diáspora. A memória “deve ser vista como portadora privilegiada da identidade diaspórica”¹⁶ (BARONIAN; BESSER; JANSEN, 2006, p. 11-12), como afirmam os autores Marie-Aude Baronian, Stephan Besser e Yolande Jansen. Para eles, “não há diáspora sem memória: esquecer as conexões diaspóricas translocais significa a dissolução definitiva da identidade diaspórica”¹⁷ (*ibidem*, p. 12). A memória cria “padrões de apego ao longo do tempo e do espaço, [...] tece ‘fios de continuidade’, muitos dos quais não têm mais conexão com a terra natal”¹⁸ (*ibidem*, p. 12, grifos dos autores). Assim como o próprio termo diáspora, conforme as falas de Paul Gilroy (2001), a memória, na diáspora, transcende espaços geográficos e limites territoriais. Observa-se que nas narrativas em análise, as protagonistas relembram suas mães e suas terras natais, mantendo seus vínculos com elas vivos, fator ligado às suas identidades diaspóricas.

Ainda abordando as vivências na diáspora com políticas identitárias, Avtar Brah afirma que o conceito de diáspora junto ao de fronteiras – sendo o segundo pensado de formas literal e metafórica – referem-se a uma “política de localização”. A autora explica

a ideia de “política de localização” como locacionalidade em contradição – isto é, uma posicionalidade de dispersão; de localização simultânea dentro de espaços gendrados de classe, racismo, etnia, sexualidade, idade; de movimento em meio a mudanças nas fronteiras culturais, religiosas e linguísticas; de viagens através das fronteiras geográficas e psíquicas¹⁹

¹⁵ “links yesterday with today by giving form and presence to influential experiences and memories, incorporating images and tales from another time into the background of the onward moving present” (ASSMANN, 2011, p. 2).

¹⁶ “must be seen as a privileged carrier of diasporic identity” (BARONIAN; BESSER; JANSEN, 2006, p. 11-12).

¹⁷ “No diaspora without memory: forgetting the trans-local diasporic connections means the ultimate disbandment of diasporic identity” (*ibidem*, p. 12).

¹⁸ “patterns of attachment across time and space, [...] spins “threads of continuity”, many of which have no connection with the homeland anymore” (*ibidem*, 2006, p. 12).

¹⁹ “the notion of a ‘politics of location’ as locationality in contradiction—that is, a positionality of dispersal; of simultaneous situatedness within gendered spaces of class, racism, ethnicity, sexuality, age; of movement across shifting cultural, religious and linguistic boundaries; of journeys across geographical and psychic borders” (BRAH, 2005, p. 201).

(BRAH, 2005, p. 201).

Assim, compreende-se que, um sujeito em contexto da diáspora se posiciona na dispersão, na movimentação, em meio a mudanças.

Para tratar da ideia de espaço, a autora Doreen Massey conceitua espaço e lugar em termos de relações sociais (MASSEY, 1994, p. 2), nos fazendo refletir sobre o espacial

como construído a partir da multiplicidade de relações sociais em todas as escalas espaciais, desde o alcance global das finanças e telecomunicações, passando pela geografia dos tentáculos do poder político nacional, até o relações sociais na cidade, no assentamento, no lar e no local de trabalho²⁰ (*ibidem*, p. 4)

Condensando as ideias de Brah e Massey, entende-se que para analisar a vivência de um sujeito é necessário considerar fatores como raça, gênero, classe, entre outros, concatenados com relações sociais. É importante retomar a fala de Massey a qual afirma que um espaço está sempre em construção, jamais fechado ou acabado (MASSEY, 2009, p. 29), ressaltando a possibilidade de mudanças.

A fim de tratar sobre formações identitárias, Susan Friedman (1996), pesquisadora das áreas de teoria feminista e teoria cultural, afirma que identidades se articulam a partir de eixos de diferenças, como gênero, raça, etnia, classe, sexualidade, religião e origem nacional (*ibidem*, p. 4), fazendo com que a identidade não se trate de algo pronto, fixo e imutável. É possível ligar a afirmação de Friedman com a de Brah sobre diáspora, citada anteriormente, ao ser observada a dinamicidade tanto da diáspora quanto de identidades. Desse modo, a formação identitária de um sujeito da diáspora, como é o caso das protagonistas em análise, são influenciadas por diversos aspectos, sendo que nesse trabalho o aspecto posto em foco é a relação mãe e filha.

No mesmo viés de Friedman, o teórico cultural e sociólogo Stuart Hall declara que a identidade “permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada” (HALL, 2003, p. 38) e, por isso, sugere o termo “identificação” (*ibidem*, p. 38). À vista disso, a presente análise observa os percursos identitários das personagens, ressaltando as circunstâncias identitárias apontadas por Hall.

Pensando nos percursos identitários de sujeitos em contexto de diáspora, como Lucy e Sophie, a autora Carole Boyce Davies contribui com a ideia da “subjetividade migratória”²¹ (DAVIES, 1994, p. 36), expondo que as migrações de um sujeito promovem uma forma de

²⁰ “constructed out of the multiplicity of social relations across all spatial scales, from the global reach of finance and telecommunications, through the geography of the tentacles of national political power, to the social relations within the town, the settlement, the household and the workplace” (MASSEY, 1994, p. 4).

²¹ “migratory subjectivity” (DAVIES, 1994, p. 36).

assumir a agência do próprio sujeito. Assim, ela afirma que “o sujeito não é apenas constituído, mas ao ser constituído possui múltiplas identidades que nem sempre constituem uma harmonia”²² (*ibidem*, p. 36). Enfocando a subjetividade feminina negra, Davies aponta que “da mesma forma que a diáspora assume expansividade e lugares outros, migrações do sujeito feminino negro buscam o caminho do movimento fora dos termos dos discursos dominantes”²³ (*ibidem*, p. 37). A partir da fala de Davies, a presente análise atenta-se sobre a subjetividade migratória das personagens dos romances de Kincaid e Danticat.

Tratando-se do foco na relação mãe e filha, os autores Claudine Attias-Donfut e François-Charles Wolff postulam sobre a relevância familiar no que se refere ao desenvolvimento identitário de um sujeito: “As interações familiares intergeracionais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da identidade psicossocial e na continuidade da socialização dos membros da família”²⁴ (ATTIAS-DONFUT; WOLFF, 2003, p. 1). Observando-se as narrativas das protagonistas das obras em análise, constata-se que a família de Lucy e Sophie cumprem papel importante na vida das personagens. Em *Lucy e Breath, Eyes, Memory*, as relações das protagonistas com suas mães influenciam e interferem em seus percursos identitários, ponto que será exposto e examinado na próxima sessão desta análise.

Partindo-se das leituras dos romances *Lucy* (1990) e *Breath, Eyes, Memory* (1994) e tendo por base os conceitos aqui tratados, destacam-se, nesta monografia, os vínculos mantidos entre mães e filhas por meio da memória e a ligação deles com as trajetórias identitárias das protagonistas.

3. RELACIONAMENTO ENTRE MÃES E FILHAS NOS ROMANCES *LUCY E BREATH, EYES, MEMORY*

No presente momento, convidamos a uma reflexão sobre os relacionamentos entre mães e filhas protagonistas dos romances *Lucy* e *Breath, Eyes, Memory*, observando a influência de tais relacionamentos no que se refere à migração das protagonistas e também aos vínculos sentimentais e de (des)identificação entre mães e filhas. A análise se divide em subseções

²² “the subject is not just constituted, but in being constituted has multiple identities that do not always make for harmony” (*ibidem*, p. 36).

²³ “In the same way as diaspora assumes expansiveness and elsewhere, migrations of the Black female subject pursue the path of movement outside the terms of dominant discourses” (DAVIES, 1994, p. 37).

²⁴ “Family intergenerational interactions play a fundamental role in psychosocial identity development and continuity in the socialisation of family members” (ATTIAS-DONFUT; WOLFF, 2003, p. 1).

temáticas, observando-se as relações entre Lucy e Annie; e Sophie e Martine, ponderando seus percursos e influências para as protagonistas. Posteriormente, destacamos as implicações dessas relações para as negociações identitárias de Lucy e Sophie.

3.1 MÃES E FILHAS: VÍNCULOS SENTIMENTAIS

Ao se analisarem os relacionamentos entre as protagonistas dos romances de Kincaid e Danticat com suas mães, a ligação inicial existente entre elas é a própria relação biológica, pensando que “o primeiro conhecimento que qualquer mulher tem de calor, nutrição, ternura, segurança, sensualidade, reciprocidade, vem da mãe dela”²⁵ (RICH, 1995, p. 218). Além da relação biológica, nos relacionamentos de Lucy e Sophie com suas mães destacam-se os vínculos sentimentais, sendo estes positivos e/ou negativos. Por isso, colocam-se em foco tais vínculos, a fim de entender as influências deles no próprio relacionamento de mãe-filha, assim como nas trajetórias identitárias das protagonistas.

Em *Lucy*, observa-se que a relação de Lucy com a mãe, Annie, é marcada por sentimentos negativos, como a mágoa. Tais sentimentos surgem a partir de uma decepção:

Minha mãe teve três filhos homens; cada vez que um novo filho nascia, minha mãe e meu pai anunciavam um ao outro com grande seriedade que o novo filho iria para uma universidade na Inglaterra e estudaria para se tornar um médico ou advogado ou alguém que ocuparia uma posição importante e influente na sociedade. Não me importei com meu pai dizendo essas coisas sobre seus filhos, sua própria espécie, e me deixando de fora. [...] Mas minha mãe me conhecia bem, assim como ela conhecia a si mesma: eu, na época, até pensei em nós como idênticas; e sempre que via seus olhos se encherem de lágrimas ao pensar em como ela ficaria orgulhosa de algum feito que seus filhos haveriam realizado, eu sentia uma espada atravessar meu coração, pois não havia nenhum cenário em que ela me visse, sua única prole idêntica, em uma situação remotamente semelhante²⁶ (KINCAID, 1990, p. 80).

Lucy explica, portanto, seu desapontamento ao ter seu futuro negligenciado por sua mãe, por não ser tratada da mesma forma que seus irmãos.

O motivo da decepção de Lucy é apresentado apenas ao fim do romance. Contudo, ao

²⁵ “The first knowledge any woman has of warmth, nourishment, tenderness, security, sensuality, mutuality, comes from her mother” (RICH, 1995, p. 218).

²⁶ “My mother had three male children; each time a new child was born, my mother and father announced to each other with great seriousness that the new child would go to university in England and study to become a doctor or lawyer or someone who would occupy an important and influential position in society. I did not mind my father saying these things about his sons, his own kind, and leaving me out. [...] But my mother knew me well, as well as she knew herself: I, at the time, even thought of us as identical; and whenever I saw her eyes fill up with tears at the thought of how proud she would be at some deed her sons had accomplished, I felt a sword go through my heart, for there was no accompanying scenario in which she saw me, her only identical offspring, in a remotely similar situation” (KINCAID, 1990, p. 80).

longo da narrativa, algumas falas da protagonista indiciam os sentimentos negativos que ela tem ligados à Annie. Um exemplo se dá quando Lucy, ao apreciar uma manhã quente no novo país, aponta que “não queria amar mais uma coisa na [sua] vida, não queria mais uma coisa que pudesse fazer [seu] coração quebrar em um milhão de pedacinhos aos [seus] pés²⁷ (*ibidem*, p. 16). Assim, ela fala de forma indireta sobre uma decepção que lhe causou sofrimento e uma consequência da mesma em seu presente.

Apesar da mágoa, há uma ambiguidade de sentimentos de Lucy com relação à sua mãe. Isso é exposto, por exemplo, quando ela compara sua mãe com Mariah, sua empregadora. A personagem principal afirma que “as vezes em que [amou] Mariah era porque ela [lhe] lembrava a [sua] mãe. As vezes em que não [amou] Mariah era porque ela [lhe] lembrava a [sua] mãe”²⁸ (*ibidem*, p. 37). A ambiguidade de sentimentos é exaltada, portanto: ora memória pelo amor, ora pela mágoa. Mesmo distante fisicamente de sua mãe, Annie se mantém presente na memória de Lucy, visto que a empregadora evoca a mãe, no seu dia a dia enquanto no país hospedeiro. Simone Alexander postula sobre a complexidade da relação de Lucy com Annie, caracterizando o relacionamento entre as personagens como “definido por extremidades e intensidades: amor e ódio, intimidade e estranhamento”²⁹ (ALEXANDER, 2001, p. 22), indo ao encontro da ideia de ambiguidade de sentimentos entre elas.

A mágoa de Lucy a acompanha depois da migração por causa do vínculo pela memória, questão relacionada à condição diaspórica da personagem. A experiência de Lucy, sujeito diaspórico, assim como seu discurso narrativo, é diretamente nutrida pela memória. Ao narrar memórias mais recentes, de sua vida na América do Norte, são evocadas memórias mais antigas, de sua vida no Caribe. Em um evento, Lucy afirma: “Eu me perguntei se alguma vez em toda minha vida se passaria um dia sem que essas pessoas que eu deixei para trás, minha própria família, não aparecessem diante de mim de uma forma ou de outra”³⁰ (KINCAID, 1990, p. 8). Entende-se que, com a migração, a protagonista acreditava que seus familiares ficariam em seu passado, havendo uma desvinculação. Porém, a desvinculação desejada não se torna completa, pois o passado de Lucy está vívido em sua memória, fazendo com que seu presente a faça lembrar de momentos experienciados pela mesma.

²⁷ “I didn’t want to love one more thing in my life, didn’t want one more thing that could make my heart break into a million little pieces at my feet” (*ibidem*, p. 16).

²⁸ “The times that I loved Mariah it was because she reminded me of my mother. The times that I did not love Mariah it was because she reminded me of my mother” (KINCAID, 1990, p. 37).

²⁹ “defined by extremities and intensities: love and hatred, intimacy and estrangement” (ALEXANDER, 2001, p. 22).

³⁰ “I wondered if ever in my whole life a day would go by when these people I had left behind, my own family, would not appear before me in one way or another” (KINCAID, 1990, p. 8).

Em *Breath, Eyes, Memory*, percebe-se que a relação de Sophie com sua mãe, Martine, é marcada por sentimentos negativos referentes à traumas, como testes de virgindade. Os testes consistem em um exame de toque, por meio do qual a mãe averigua o hímen intacto da filha, comprovando sua virgindade. Em relação a esses testes, Martine, em certa ocasião, conta para Sophie que ela mesma era submetida a eles por sua mãe, Ifé. Ela explica que seus testes terminaram quando ela engravidou de Sophie. Durante a conversa com Martine, Sophie descobre que é fruto de um estupro. Sua mãe relata: “Um homem me agarrou na beira da estrada, me puxou para um canavial e colocou você no meu corpo. Eu ainda era uma menina, apenas um pouco mais velha do que você”³¹ (DANTICAT, 1994, p. 61). Com essa conversa, Sophie compreende um pouco mais a história de sua mãe, como a mesma afirma: “Levei doze anos para juntar todas as peças da história da minha mãe”³² (*ibidem*, p. 61). Assim, ao descobrir o evento traumático sofrido por Martine, Sophie entende também sobre sua própria história, a forma como foi concebida.

Sophie começa a ter sua virgindade testada, já jovem adulta, quando Martine descobre sobre o relacionamento da filha com Joseph, um vizinho. Os testes, que se tornam um trauma, provocam uma decisão árdua de Sophie, pois ela se impõe um ato violento, por desespero. Sophie explica o ato que realizou, em si mesma, por causa dos testes:

Minha carne se dilacerou quando eu pressionei o pilão adentro dela. Eu podia ver o sangue pingando lentamente no lençol da cama. Peguei o pilão e o lençol ensanguentado e os enfiei em um saco. Foi embora, o véu que sempre segurava o dedo da minha mãe toda vez que ela me testava.

Meu corpo estava tremendo quando minha mãe entrou no meu quarto para me testar. Minhas pernas estavam moles quando ela as empurrou de lado. Doía tanto que mal conseguia me mexer. Finalmente eu falhei no teste³³ (*ibidem*, p. 88).

Assim, o trauma dos testes leva Sophie a se automutilar a fim de romper seu hímen para falhar no teste seguinte. Além de trauma por ser uma violência consigo mesma, a automutilação é uma espécie de libertação para Sophie: uma solução para encerrar os testes de virgindade.

Como produto dos traumas causados pelos testes e pela automutilação, a relação matrimonial de Sophie com Joseph também é afetada negativamente: o ato sexual se torna algo

³¹ “A man grabbed me from the side of the road, pulled me into a cane field, and put you in my body. I was still a young girl then, just barely older than you” (DANTICAT, 1994, p. 61).

³² “It took me twelve years to piece together my mother's entire story” (*ibidem*, p. 61).

³³ “My flesh ripped apart as I pressed the pestle into it. I could see the blood slowly dripping onto the bed sheet. I took the pestle and the bloody sheet and stuffed them into a bag. It was gone, the veil that always held my mother's finger back every time she tested me.

My body was quivering when my mother walked into my room to test me. My legs were limp when she drew them aside. I ached so hard I could hardly move. Finally I failed the test” (*ibidem*, p. 88).

doloroso para ela realizar. A protagonista relata para sua avó: ““Eu odiava os testes, [...] [é] a coisa mais horrível que já me aconteceu. Quando meu marido está comigo agora, me dá tantos pesadelos que eu tenho que morder minha língua para fazer [o ato sexual] de novo””³⁴ (*ibidem*, p. 156). Sophie recorre a uma técnica denominada no romance como *doubling* (duplicação), na qual ela lembra ou imagina momentos satisfatórios e felizes para se dissociar e não sofrer tanto com a situação angustiante que vive, como a mesma expõe: “Eu estava deitada naquela cama e minhas roupas estavam sendo arrancadas do meu corpo, mas na verdade eu estava em outro lugar”³⁵ (*ibidem*, p. 200). Dessa forma, Sophie recorre à memória como ajuda nos momentos angustiantes dos testes.

É possível observar, portanto, que o relacionamento entre mães e filhas, personagens principais dos romances de Kincaid e Danticat, apresentam vínculos sentimentais significativos nas trajetórias das protagonistas Lucy e Sophie. A seguir, exploramos os vínculos de (des)identificação, que são gerados a partir dos vínculos sentimentais.

3.2 MÃES E FILHAS: MIGRAÇÃO E VÍNCULOS DE (DES)IDENTIFICAÇÃO

Lucy migra do Caribe para a América do Norte, sendo que não há indícios, no romance de Kincaid, de cidades específicas, enquanto Sophie vive em Porto Príncipe, Haiti, e migra para Nova York, EUA. De acordo com a autora Simone Alexander, ao se analisarem imagens maternas nos romances de mulheres afro-caribenhas, há uma relação entre a mãe, a terra natal e o país natal de uma mulher desse contexto. Segundo ela, “a relação da filha com a mãe predetermina suas relações com a terra natal [*motherland*] e, em menor grau, com o país natal [*mother country*]”³⁶ (ALEXANDER, 2001, p. 18). Alexander argumenta que, a partir de narrativas geracionais, a filha dá início à sua negociação identitária, a qual “depende muito da relação que ela tem com a mãe e condiciona a sua relação com a terra natal e com o país natal”³⁷ (*ibidem*, p. 18). Analisando-se as narrativas de Lucy e Sophie, observa-se que seus relacionamentos com suas mães têm influência na migração das protagonistas e também nos vínculos que elas mantêm com suas terras natais e seus países hospedeiros.

³⁴ “‘I hated the tests,’ I said. ‘It is the most horrible thing that ever happened to me. When my husband is with me now, it gives me such nightmares that I have to bite my tongue to do it again.’” (DANTICAT, 1994, p. 156).

³⁵ “‘I was lying there on that bed and my clothes were being peeled off my body, but really I was somewhere else’” (*ibidem*, p. 200).

³⁶ “the daughter’s relationship with her mother predetermines her relationships with the motherland and, to a lesser extent, with the mother country” (ALEXANDER, 2001, p. 18).

³⁷ “is heavily dependent upon the relationship she has with her mother and conditions her relationship with the motherland and the mother country” (*ibidem*, p. 18).

No romance de Kincaid, Lucy demonstra acreditar que a mudança geográfica a separaria de coisas que desprezava, conforme pode-se perceber:

Quando eu estava em casa, na casa dos meus pais, costumava fazer uma lista de todas as coisas que eu tinha certeza que não me seguiriam se eu pudesse atravessar o vasto oceano que estava diante de mim; Eu costumava pensar que apenas uma mudança de local baniria para sempre da minha vida as coisas que eu mais desprezava³⁸ (KINCAID, 1990, p. 55).

É possível notar, portanto, como sentimentos negativos de Lucy, no Caribe, a instigam a querer migrar. Associando-se a citação acima com a exposição do conflito entre Lucy e Annie (*ibidem*, p. 80), pode-se entender que a sua relação com mãe é algo que Lucy desejaria banir de sua vida, algo que ela desprezava.

Contudo, mesmo que Lucy exponha que ansiava por sua migração, saindo do Caribe, ela lida com uma ambiguidade de sentimentos ao ter saudades da terra natal, afirmando que “[ela] queria voltar para o lugar de onde [veio]”³⁹ (*ibidem*, p. 7). Lucy diz:

Que surpresa era para mim, que eu ansiava por estar de volta ao lugar de onde vim, que eu ansiava para dormir em uma cama que se tornou pequena demais para mim, que eu ansiava para estar com pessoas cujo menor e mais natural gesto evocaria em mim tanta raiva que eu ansiaria para vê-los todos mortos a meus pés⁴⁰ (*ibidem*, p. 7).

Uma vez no país hospedeiro, Lucy estabelece comunicação com seus familiares, no Caribe, por meio de cartas. Por diversas vezes, ela as recebe de sua mãe. Em uma delas, Annie fala sobre acontecimentos familiares. Ao lê-la, Lucy pondera que “o objetivo da [sua] vida agora era de colocar o máximo de distância possível entre [ela] e os eventos mencionados na carta [de Annie]”⁴¹ (*ibidem*, p. 21), demonstrando novamente o distanciamento da terra natal como tentativa de desvinculação com a mãe. Lucy explica tal objetivo:

Pois eu senti que se pudesse colocar milhas suficientes entre mim e o lugar de onde veio aquela carta, e se eu pudesse colocar eventos suficientes entre mim e os eventos mencionados na carta, não seria eu livre para receber tudo exatamente como veio e não ver centenas de anos em cada gesto, cada palavra dita, cada rosto?⁴² (*ibidem*, p. 21).

³⁸ “When I was at home, in my parents’ house, I used to make a list of all the things that I was quite sure would not follow me if only I could cross the vast ocean that lay before me; I used to think that just a change in venue would banish forever from my life the things I most despised” (KINCAID, 1990, p. 55).

³⁹ “I wanted to be back where I came from” (*ibidem*, p. 7).

⁴⁰ “What a surprise this was to me, that I longed to be back in the place that I came from, that I longed to sleep in a bed I had outgrown, that I longed to be with people whose smallest, most natural gesture would call up in me such a rage that I longed to see them all dead at my feet” (*ibidem*, p. 7).

⁴¹ “The object of my life now was to put as much distance between myself and the events mentioned in her [Annie’s] letter” (*ibidem*, p. 21).

⁴² “For I felt that if I could put enough miles between me and the place from which that letter came, and if I could put enough events between me and the events mentioned in the letter, would I not be free to take everything just as it came and not see hundreds of years in every gesture, every word spoken, every face?” (KINCAID, 1990, p.

A protagonista demonstra um desejo de desvinculação do seu passado por meio do distanciamento, inclusive emocional, com sua terra natal. Como produto de seu objetivo, Lucy para de ler e responder às cartas que recebe de Annie. Dado o conflito entre mãe e filha, anteriormente abordado, pode-se entender que Lucy desejaria se distanciar também de sua mãe.

Entende-se, portanto, que o deslocamento de Lucy se mostra fortemente ligado tanto à sua relação com sua mãe quanto com seu descontentamento com a realidade na qual vivia. Os vínculos sentimentais negativos da protagonista com Annie resultam em um desejo de se distanciar, física e emocionalmente, da mãe.

No tocante ao romance *Breath, Eyes, Memory*, o relacionamento entre Sophie e sua mãe, Martine, sofre interferências das suas migrações desde os primeiros anos de vida da protagonista. Sophie, até seus doze anos de idade, vive aos cuidados de sua tia, Atie, no Haiti. Enquanto isso, Martine mora nos Estados Unidos. Portanto, Sophie não tem contato próximo com sua mãe: ela a conhece apenas pelos meios de comunicação da época: cartas, gravações em fitas cassete (que lhe eram enviadas), fotos e histórias contadas pela família. Sophie comenta como conheceu o semblante da sua mãe: “Eu só conhecia minha mãe pela foto na mesinha de cabeceira ao lado do travesseiro de Tatie Atie”⁴³ (DANTICAT, 1994, p. 8). Diante da falta de contato físico e da limitação de comunicação, a relação entre mãe e filha sofre com um distanciamento tanto físico quanto emocional. Por causa de tal distanciamento, ir morar com a mãe, para Sophie, seria um “pesadelo”⁴⁴ (*ibidem*, p. 24).

Aos doze anos de idade, Martine envia uma passagem para que Sophie vá morar junto com ela, nos Estados Unidos. Esta se mostra descontente ao saber que não iria viver mais com sua tia Atie. A tia exerce um papel maternal no seu dia-a-dia, como se pode perceber na ocasião de um dia das mães, no qual Sophie a presenteia com um cartão. O cartão é entregue juntamente com um poema autoral, porém Atie o recusa. Ela diz à sobrinha que o cartão deveria ser para Martine, e não para ela. Sophie, então, lhe pede que fosse, juntamente com ela, para Nova York. A tia pondera:

Sua mãe quer ver você agora, Sophie. Ela não quer que você esqueça quem é sua verdadeira mãe. Quando ela deixou você comigo, ela e eu, nós concordamos que seria apenas por um tempo. Você era apenas um bebê na época. Ela te deixou porque estava indo para um lugar que ela não conhecia. Ela não queria se arriscar com você⁴⁵ (*ibidem*, p. 19).

21).

⁴³ “I only knew my mother from the picture on the night table by Tante Atie's pillow” (DANTICAT, 1994, p. 8).

⁴⁴ “nightmare” (*ibidem*, p. 24).

⁴⁵ “Your mother wants to see you now, Sophie. She does not want you to forget who your real mother is. When she left you with me, she and I, we agreed that it would only be for a while. You were just a baby then. She left

Atie aponta, com essa fala, que a razão pela qual Martine não leva Sophie consigo seria por cautela, para poupar a filha.

A migração de Sophie é uma mudança drástica e, além de ter que lidar com a nova vida nos Estados Unidos, a protagonista efetivamente passa a conviver com a mãe. O primeiro contato de Sophie com Martine nos Estados Unidos demonstra o distanciamento entre elas até então. Nesse evento, a filha reconhece a mãe apenas pela situação, como ela explica: “Minha mãe veio para frente. Eu sabia que era minha mãe porque ela veio até mim e me agarrou e começou a me girar como um pião, para que pudesse olhar para mim”⁴⁶ (*ibidem*, p. 40). Ainda no mesmo evento, Sophie compara sua mãe com a única referência visual que tem dela, por causa do distanciamento físico, isto é, a foto na mesa de cabeceira de sua tia Atie.

Mesmo que por razões diferentes, as narrativas de Lucy e Sophie se assemelham quanto ao agente causador, ou influenciador, de suas migrações: suas mães; exemplificando a profunda influência que elas têm em suas vidas (COLLINS, 2000). É importante apontar que as migrações das protagonistas são eventos significativos para as trajetórias identitárias das mesmas, já que elas habitam um novo espaço (MASSEY, 1994) e passam a lidar com questões relacionadas à política de localização, teorizada por Brah (2005), como fatores de raça, classe, gênero, etc., daquele local.

As interferências e influências dos relacionamentos das protagonistas com Annie e Martine afetam as narrativas de Lucy e Sophie e também os vínculos sentimentais entre as personagens citadas e suas mães. Como exemplo dessa influência, observa-se que as migrações das protagonistas estão ligadas às mães. Além do mais, no romance, as relações mães-filhas modificam também a forma com que as filhas se identificam e/ou desidentificam com as mães, o que será analisado a seguir.

Como apontado anteriormente, entre Lucy e sua mãe há decepção e mágoa. Contudo, antes do conflito entre elas (KINCAID, 1990, p. 80), havia um laço de identificação de Lucy com Annie. Ela afirma: “minha mãe me conhecia bem, assim como ela conhecia a si mesma: eu, na época, até pensei em nós como idênticas”⁴⁷ (*ibidem*, p. 80). A ruptura de tal laço ocorre pela decepção de Lucy ao não ser tratada da mesma forma que seus irmãos.

Uma amostra da ruptura da identificação de Lucy com a mãe se dá em uma conversa com

you because she was going to a place she knew nothing about. She did not want to take chances with you” (DANTICAT, 1994, p. 19).

⁴⁶ “My mother came foward. I knew it was my mother because she came up to me and grabbed me and begin to spin me like a top, so she could look at me” (*ibidem*, p. 40).

⁴⁷ “my mother knew me well, as well as she knew herself: I, at the time, even thought of us as identical” (KINCAID, 1990, p. 80).

uma amiga de Annie, Maude. Nesse evento, Maude visita Lucy para entregar a ela uma carta de Annie. Ao observar o comportamento de Lucy, a mesma afirma: “Você me lembra a senhorita Annie. Você realmente me lembra sua mãe”⁴⁸ (*ibidem*, p. 76). Ouvir tal comparação faz com que Lucy reflita sobre as ações de sua mãe e comente:

Eu não sou como minha mãe. Eu e ela não somos iguais. Ela não deveria ter se casado com meu pai. Ela não deveria ter tido filhos. Ela não deveria ter jogado fora sua inteligência. Ela não deveria ter prestado tão pouca atenção à minha. Ela deveria ter ignorado alguém como você. Eu não sou como ela de jeito nenhum⁴⁹ (*ibidem*, p. 76).

Quanto ao sentimento de Lucy, é interessante ter em mente que “uma filha pode sentir raiva da impotência ou falta de luta da mãe – por causa de sua intensa identificação e porque, para lutar por si mesma, ela precisa primeiro ter sido amada e saber que lutaram por ela”⁵⁰ (RICH, 1995, p. 244). Podemos notar, no caso de Lucy, que ela não agiria da mesma forma que a mãe, demonstrando, portanto, um vínculo de desidentificação ao dizer que elas “não [são] iguais” (KINCAID, 1990, p. 76).

Ao apresentar o conflito principal com a mãe (*ibidem*, 80), Lucy expõe que acreditava existir um vínculo entre ela e Annie por ser sua única filha mulher, sua “única prole idêntica”⁵¹ (*ibidem*, p. 80). Os eventos em que Lucy se reconhece como idêntica à mãe e, posteriormente, como diferente da mesma, são pontos do percurso identitário da protagonista, visto que, ao se identificar e/ou não com a mãe, Lucy está ponderando inconscientemente sobre si mesma, enquanto sujeito.

Já em relação à Sophie, no romance de Danticat, os vínculos sentimentais relacionados aos traumas dos testes de virgindade levam tanto à identificação quanto à desidentificação da protagonista com sua mãe. Primeiramente, Sophie se identifica com a mãe por terem sofrido traumas parecidos. O vínculo traumático entre mãe e filha é refletido por Sophie em uma conversa com sua terapeuta: “[A terapeuta diz:] “Você teve a chance de recuperar a linhagem de sua mãe?” / “A linhagem de minha mãe sempre esteve comigo”, eu [Sophie] disse. “Não importa o que aconteça. O sangue nos tornou uma.”⁵² (DANTICAT, 1994, p. 207). Ao se avaliar

⁴⁸ “You remind me of Miss Annie, you really remind me of your mother” (*ibidem*, p. 76).

⁴⁹ “I am not like my mother. She and I are not alike. She should not have married my father. She should not have had children. She should not have thrown away her intelligence. She should not have paid so little attention to mine. She should have ignored someone like you. I am not like her at all” (*ibidem*, p. 76).

⁵⁰ “a daughter can feel rage at her mother’s powerlessness or lack of struggle – because of her intense identification and because in order to fight for herself she needs first to have been both loved and fought for” (RICH, 1995, p. 244).

⁵¹ “her only identical offspring” (KINCAID, 1990, p. 80).

⁵² ““Did you have a chance to reclaim your mother line?”

‘My mother line was always with me,’ I said. ‘No matter what happens. Blood made us one’” (DANTICAT, 1994, p. 207).

a fala de Sophie de que “a linhagem de sua mãe esteve sempre consigo”, entende-se que sua ligação com a mãe se mantém vívida via memória, acompanhando a personagem independentemente do local onde esteja e do que aconteça entre elas. Já ao dizer que “o sangue as tornaram uma”, a protagonista expõe, inconscientemente, o vínculo de identificação devido às memórias traumáticas que as mesmas compartilham, como os testes de virgindade.

A identificação pelos traumas fazem com que Sophie ressignifique a relação com a mãe, o que é mostrado em um momento no qual a protagonista praticava a dissociação, *doubling*:

Fiquei pensando na minha mãe, que agora queria ser minha amiga. Finalmente tinha sua aprovação. Eu estava bem. Eu estava segura. Nós duas estávamos seguras. O passado foi deixado para trás. Mesmo que ela tivesse forçado ele em mim, de sua vontade repentina, agora éramos ainda mais do que amigas. Éramos gêmeas, em espírito. *Marassas*⁵³ (*ibidem*, p. 200).

Durante a dissociação, Sophie percebe questões positivas entre ela e a mãe. O relacionamento entre mãe e filha conduz-se por um percurso que leva à identificação nesse momento. Em sua fala, Sophie contempla sua relação com a mãe como *Marassas*: “No vudu, *marassas* são deuses gêmeos, amantes, duplos. Martine e Sophie, seriam, portanto, uma só” (MORAIS, 2014, p. 125). Ao se reconhecer como gêmea da mãe, Sophie trata de sua própria questão identitária, inconscientemente, o que também é visto na narrativa de Lucy.

Os traumas levam também à desidentificação de Sophie com Martine, quando ela decide não agir da mesma forma que a mãe. Sophie opta por interromper com a tradição cultural das mães de sua família: os testes de virgindade. A protagonista afirma que não fará os testes em sua filha, Brigitte:

Eu sabia que minha dor e a dela [de Martine] eram elos de uma longa corrente. Assim, se ela me machucou, foi porque estava machucada também. Cabia a mim evitar minha vez no fogo. Cabia a mim garantir que minha filha nunca dormisse com fantasmas, nunca vivesse com pesadelos e nunca tivesse seu nome queimado nas chamas⁵⁴ (*ibidem*, p. 203).

Observa-se que a motivação de Sophie para não testar a virgindade da filha é não desejar que Brigitte sofra da mesma forma que ela sofreu.

Os percursos dentro dos relacionamentos de Lucy e Sophie com suas mães levam a momentos de identificação e/ou desidentificação. O movimento de identificação e de desidentificação interfere no modo como as protagonistas analisam e percebem a si mesmas. A

⁵³ “I kept thinking of my mother, who now wanted to be my friend. Finally I had her approval. I was okay. I was safe. We were both safe. The past was gone. Even though she had forced it on me, of her sudden will, we were now even more than friends. We were twins, in spirit. *Marassas*” (*ibidem*, p. 200).

⁵⁴ “I knew my hurt and hers were links in a long chain and if she hurt me, it was because she was hurt, too. It was up to me to avoid my turn in the fire. It was up to me to make sure that my daughter never slept with ghosts, never lived with nightmares, and never had her name burnt in the flames” (*ibidem*, p. 203).

mudança de um sentimento de identificação para o de desidentificação, e vice-versa, junto à sua relação com os percursos identitários das protagonistas, vai ao encontro da afirmação de Hall de que a questão identitária “está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (HALL, 2003, p. 38). Dessa forma, as relações de Lucy com Annie e de Sophie com Martine são agentes influenciadores das negociações identitárias das protagonistas.

4. IMPLICAÇÕES PARA AS FILHAS (PRESENTES E FUTURAS)

Conforme apontado anteriormente, a relação de mães e filhas nos dois romances são complexas, marcadas por mágoas e também por laços que as unem. Quanto à *Lucy*, sua decepção em relação à mãe manifesta-se como “o fim de um caso de amor, talvez o único amor verdadeiro que [ela] conheceria em toda [sua] vida”⁵⁵ (KINCAID, 1990, p. 106).

O luto pelo fim de tal caso de amor, além de motivar o distanciamento da terra natal, também causa danos em seus novos relacionamentos. Lucy expõe, já quando *au pair*: “Eu estava apenas meio ano livre de alguns laços quase inquebráveis, e não estava em meu coração fazer novos”⁵⁶ (*ibidem*, p. 44). Ainda evidenciando danos afetivos causados pelo relacionamento com a mãe, Lucy pega um livro em branco e diz:

No topo da página, escrevi meu nome completo: Lucy Josephine Potter. Ao vê-lo, muitos pensamentos passaram por mim, mas eu pude escrever apenas o seguinte: “Eu gostaria poder amar alguém tanto a ponto de morrer por causa disso.” E então, enquanto eu olhava para esta frase, uma grande onda de vergonha tomou conta de mim e eu chorei e chorei tanto que as lágrimas caíram na página e fizeram com que todas as palavras se tornassem um grande borrão⁵⁷ (*ibidem*, p. 100).

A vergonha sentida pela protagonista ao dizer que gostaria de poder amar alguém com tal intensidade pode ser explicada por um amor que Lucy ainda sinta pela mãe, mesmo que não saiba, acredite ou fale explicitamente a respeito dele. Observa-se que os conflitos entre mãe e filha interferem primeiramente na própria relação entre elas, como quando Lucy recusa o amor da mãe: “Passei a ver o amor dela como um fardo [...]. Comecei a sentir que o amor de minha mãe por mim foi projetado apenas para me tornar um eco dela; e eu não sabia por que, mas

⁵⁵ the end of a love affair, perhaps the only true love in my whole life I would ever know” (KINCAID, 1990, p. 106).

⁵⁶ “I was only half a year free of some almost unbreakable bonds, and it was not in my heart to make new ones” (*ibidem*, p. 44).

⁵⁷ “At the top of the page I wrote my full name: Lucy Josephine Potter. At the sight of it, many thoughts rushed through me, but I could write down only this: “I wish I could love someone so much that I would die from it.” And then as I looked at this sentence a great wave of shame came over me and I wept and wept so much that the tears fell on the page and caused all the words to become one great big blur” (*ibidem*, p. 100).

senti que preferia estar morta a me tornar apenas um eco de alguém”⁵⁸ (*ibidem*, p. 24).

Ademais, os conflitos se expandem, pois o relacionamento com Annie afeta também a forma com que Lucy observa a si mesma, devido às questões de identificação com a mãe. No evento em que Lucy afirma não ser igual à mãe (*ibidem*, p. 76), a protagonista mostra que não agiria da mesma forma que Annie. Uma das questões em que Lucy vai contra à mãe é no âmbito dos estudos e, por isso, se recusa a seguir a profissão que a mãe desejava para ela (*ibidem*, p. 57), optando por se envolver com a carreira de sua escolha, a fotografia. Nesse caso, ao escolher seguir sua própria vontade, mesmo em oposição à mãe, Lucy atua em sua independência, caracterizando atuação ativa na sua formação identitária.

Tratando-se de Sophie, de *Breath, Eyes, Memory*, um dos pontos principais para o relacionamento dela com Martine é o traumático. Os traumas dos testes de virgindade e da automutilação implicam na insatisfação de Sophie ao se relacionar sexualmente com o marido. Visto que “o momento traumático se torna codificado em uma forma anormal de memória, que invade espontaneamente na consciência”⁵⁹ (HERMAN, 1997, p. 37), os atos sexuais fazem Sophie revivenciar a angústia de seus traumas.

Em decorrência dos traumas, Sophie começa um tratamento terapêutico e participa de um grupo sobre fobia sexual. Por meio do tratamento, a protagonista tem a chance de reavaliar os acontecimentos e ressignificar, inconscientemente, suas memórias, mudando suas perspectivas. Além disso, os danos traumáticos fazem com que Sophie opte por não seguir a cultura familiar dos testes de virgindade. Sophie tem como motivação não causar em sua filha o mesmo sofrimento que vivenciou.

Além de ser o agente causador da migração de Sophie, a relação da filha com Martine também influencia a forma com que a protagonista observa a si mesma. Devido aos vínculos traumáticos, Sophie desenvolve empatia com a mãe e passa a se identificar com ela em alguns momentos. Ela demonstra a evolução no relacionamento com a mãe e também no afeto entre elas durante uma dissociação (*doubling*), já citada na presente monografia:

Ele [Joseph] estendeu a mão e puxou meu corpo em direção ao dele. Fechei os olhos e pensei na *Marassa*, na duplicação. Eu estava deitada naquela cama e minhas roupas estavam sendo arrancadas do meu corpo, mas na verdade eu estava em outro lugar. Finalmente, como adulta, tive a chance de consolar minha mãe novamente. Eu estava deitada na cama com minha mãe. Eu a estava segurando e lutando contra aquele homem, mantendo aquelas imagens

⁵⁸ “I had come to see her [Annie’s] love as a burden [...]. I had come to feel that my mother’s love for me was designed solely to make me into an echo of her; and I didn’t know why, but I felt that I would rather be dead than become just an echo of someone” (KINCAID, 1990, p. 24).

⁵⁹ “The traumatic moment becomes encoded in an abnormal form of memory, which breaks spontaneously into consciousness” (HERMAN, 1997, p. 37).

fora de sua cabeça. Eu estava dizendo a ela que estava tudo bem. [...] Eu estava falando para ela que eu nunca deixaria ninguém interná-la em um hospital psiquiátrico, que eu iria cuidar dela. Eu iria visitá-la todas as noites em minha duplicação e, do meu lugar como uma sombra na parede, eu iria cuidar dela e acordá-la assim que os pesadelos começassem, assim como fazia quando estava em casa⁶⁰ (DANTICAT, 1994, p. 200).

Logo, percebe-se que, o vínculo sentimental entre mãe e filha se torna positivo, de modo que imaginar sua mãe ajuda Sophie durante um momento desagradável. Novamente, a identificação entre mãe e filha por causa dos traumas é perceptível na fala da personagem. O progresso na forma com que Sophie pensa na mãe e se identifica com ela são pontos significativos em sua trajetória identitária.

As análises das narrativas de Lucy e Sophie acerca de seus relacionamentos com suas mães resultam no entendimento de que eles influenciam em seus percursos identitários. Por meio de pontos como os vínculos sentimentais e vínculos de (des)identificação, as relações com as mães interferem no presente das protagonistas e também têm efeitos no futuro das mesmas. Ademais, como explicado por Alexander (2001), em narrativas de mulheres afro-caribenhas a relação mãe e filha tende a interferir nos relacionamentos da filha com a terra natal e com o país hospedeiro, o que é observada no presente *corpus*.

5. CONCLUSÕES

A partir da análise dos romances *Lucy* (1990) e *Breath, Eyes, Memory* (1994), observa-se que as relações que as protagonistas Lucy e Sophie têm com suas mães, Annie e Martine, respectivamente, se fundamentam em vínculos sentimentais e de (des)identificação. Tais vínculos se mantêm vívidos por meio da memória, já que as mesmas relembram suas mães nos percursos de suas narrativas. Ademais, foi analisado que os relacionamentos com suas mães influenciam e interferem nas trajetórias identitárias de Lucy e Sophie, a partir dos vínculos mencionados.

A protagonista Lucy se vê vinculada à mãe, inicialmente, pela própria relação materna e por ser sua única filha mulher. Contudo, em consequência de um conflito e dos sentimentos

⁶⁰ “He reached over and pulled my body towards his. I closed my eyes and thought of the Marassa, the doubling. I was lying there on that bed and my clothes were being peeled off my body, but really I was somewhere else. Finally, as an adult, I had a chance to console my mother again. I was lying in bed with my mother. I was holding her and fighting off that man, keeping those images out of her head. I was telling her that it was all right. [...] I was telling her that I would never let anyone put her away in a mental hospital, that I would take care of her. I would visit her every night in my doubling and, from my place as a shadow on the wall, I would look after her and wake her up as soon as the nightmares started, just like I did when I was home” (DANTICAT, 1994, p. 200).

negativos causados por ele, Lucy reflete sobre as ações da mãe e não mais se identifica com ela, em alguns momentos. Os vínculos sentimentais negativos entre Lucy e a mãe influenciam na vontade de migrar da protagonista, sendo a migração uma tentativa de distanciamento da mãe. Além disso, outra tentativa de desvinculação da sua própria mãe que Lucy protagoniza se dá pela interrupção de comunicação com ela, ignorando suas cartas. Apesar do desejo pelo rompimento com a mãe, ele nunca é completamente realizado por causa da memória, pois Lucy frequentemente lembra de Annie, mesmo morando distante dela.

No caso de Sophie, a personagem inicia sua vida longe da mãe, por causa da migração, o que causa o distanciamento afetivo entre elas. Convivendo com a mãe, já nos Estados Unidos, Sophie descobre que é fruto de um estupro, o que a leva a refletir sobre a história de Martine, além de sua própria história. Sophie também descobre sobre os testes de virgindade que sua mãe enfrentou e depois passa a ser submetida a essa mesma degradação. Os testes se tornam traumas para Sophie e, para encerrá-los, ela se automutila a fim de romper seu hímen. Apesar dos traumas, Sophie passa a se identificar com a mãe pela semelhança dos traumas que as duas têm, circunstância que acarreta um vínculo sentimental positivo entre mãe e filha. O espaço da memória se mostra essencial na narrativa de Sophie quando a mesma recorre à memória para se dissociar de momentos de angústia, como os atos sexuais.

As memórias de Lucy e de Sophie acerca de seus relacionamentos com suas mães interferem também no modo com que as protagonistas percebem a si mesmas, visto que, ao se identificar e/ou não com suas mães, elas estão se avaliando, inconscientemente, como sujeitos, mulheres, migrantes. Tais memórias também impactam negativamente as protagonistas. A título de exemplo, Lucy acredita que nunca mais irá amar alguém, devido ao rompimento do amor com sua mãe, enquanto Sophie sofre com fobia sexual por causa dos testes de virgindade, tornando suas relações sexuais momentos de sofrimento.

Como resultado da análise, observa-se que os relacionamentos com suas mães levam à interferências nos percursos identitários de Lucy e Sophie, ao interferir no modo como elas se percebem e se avaliam, além de como se comportam em seus relacionamentos. As memórias referentes às suas mães influenciam suas reflexões e perspectivas, interferindo em tomadas de decisões que têm efeitos em seus presentes e seus futuros, como, por exemplo, as escolhas de Lucy no âmbito profissional e a escolha de Sophie sobre não realizar os testes em sua filha.

6. REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Simone A. James. **Mother imagery in the novels of Afro-Caribbean women.** Colômbia: University of Missouri Press, 2001.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSMANN, Jan. **Cultural memory and early civilization:** writing, remembrance, and political imagination. Nova York: Cambridge University Press, 2011.

ATTIAS-DONFUT, Claudine; WOLFF, François-Charles. **Generational Memory and Family Relationships.** 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228877472_Generational_Memory_and_Family_Relationships. Acesso em 07 de set. de 2021.

BARONIAN, Marie-Aude; BESSER, Stephan; JANSEN, Yolande. **Diaspora and Memory:** Figures of Displacement in Contemporary Literature, Arts and Politics. Amsterdam: Rodopi, 2006.

BRAH, Avtar. **Cartographies of Diaspora:** Contesting Identities. Nova York, Taylor & Francis e-Library, 2005.

BOLAÑOS, Aimée G. Diáspora. In: BERND, Zilá. **Dicionário das mobilidades culturais:** percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 167-172.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought:** Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. Nova York: Routledge, 2000.

DANTICAT, Edwidge. **Breath, Eyes, Memory.** Nova York: Soho P, 1994.

DAVIES, Carole Boyce. **Black Women, Writing and Identity:** Migrations of the subject. Londres: Routledge, 1994.

FRIEDMAN, Susan. Locational feminism. In: _____. **Mappings:** feminism and the cultural geographies of encounter. Princeton: Princeton University Press, 1996, p. 3-13.

GERBER, Nancy. **Binding the Narrative Thread:** Storytelling and the Mother-Daughter

Relationship in Edwidge Danticat's *Breath, Eyes, Memory*. **Journal of the Association for Research on Mothering**, Canadá, v. 2, n. 2, p. 188-199, 2000.

GILROY, Paul. Diaspora. **Paragraph**, Reino Unido, v. 17, n. 3, p. 207-212, 1994.

_____. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **There Ain't No Black in the Union Jack**. Nova York: Routledge, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, p. 7-97.

HERMAN, J. **Trauma and recovery**. Nova York: Basic Books, 1997.

HIRSCH, Marianne. **The Mother/Daughter Plot**: Narrative, Psychoanalysis, Feminism. Indiana: Indiana University Press, 1989.

KINCAID, Jamaica. **Lucy**. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1990.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política de espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. **Space, Place and Gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MORAIS, Juliana Borges O. **Políticas do Espaço**: Trajetórias Identitárias em *Geographies of Home; Breath, Eyes, Memory* e *The Agüero Sisters*. 2014. 157 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

NASTA, Susheila (ed.). **Motherlands**: Black Women's Writing from Africa, the Caribbean and South Asia. Nova Jersey: Rutgers University Press, 1991.

PEÇANHA, Jorge Luiz Monteiro. **Living on the hyphen**: diaspora, identity and memory in Jamaica Kincaid's *Annie John/Lucy* and Esmeralda Santiago's *When I was Puerto Rican/Almost a woman*. 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RICH, Adrienne. **Of Woman Born**: Motherhood as Experience and Institution. Londres: W.

W. Norton & Company. 1995.

SAFRAN, Willian. Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return. **Diaspora: A Journal of Transnational Studies**, Canadá, v. 1, n. 1, p. 83-99, 1991.

VITA, Kelsey. **Inherited Reproduction of Violence and Trauma in 1990's Literary Immigrant Families: An Exploration of *Lucy; Breath, Eyes, Memory*; and *Drown***. 2020. 54 f. Dissertação (Graduação em Artes) – Artes, Faculdade de William & Mary, Williamsburg, 2020.